

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

A calunnia contra os jesuitas, pelo conde de Samodães. — SECÇÃO RELIGIOSA: Carta Encyclica do nosso Santissimo Padre o Papa Leão XIII a todos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do mundo catholico em graça e communhão com a Santa Sé Apostolica sobre a restauração da Philosophia Christã nas Escolas Catholicas segundo o espirito do doutor angelico S. Thomaz d'Aquino. — A proposito da negação de sepultura ecclesiastica, por um Catholico. — SECÇÃO SCIENTIFICA: Calculos da sciencia na immensidade da creação—II—A immensidade do universo e os calculos da sciencia materialista, por T. da C. C. — SECÇÃO LITTERARIA: A proposito de Gioberti, por um Vimaranesense. — Theresza de Jesus, por D. Maria del Pilar Sinués, tradueção do Padre Lima. — OS NOSSOS BISPOS NA CAMARA DOS PARES: Discurso de s. ex.ª revd.ª o sr. Bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 11 de junho. — EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: Historia Popular dos Papas; Bonifacio VIII, pelo padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. — ULTIMAS PUBLICAÇÕES, por A. Toix.ira.

GUIMARAES, 31 DE AGOSTO

A calunnia contra os jesuitas

Não foi sem espanto, que ha um mez os jornaes estamparam um telegramma narrando o facto da affixação de um pasquim manuscripto em Bruxellas, em que se concitavam os animos contra o rei dos belgas; dizia-se mais que o auctor d'este attentado, sendo preso, affirmára que lhe fôra incumbida aquella commissão pelos jesuitas; e que por força d'esta denuncia fôra recluso um velho padre pertencente áquella congregação, e conhecido pela sua virtude, saber e vida irreprehensivel. Sobre esta estranha noticia os jornaes denominados liberaes, fizeram os seus commentarios, dando todas as demonstrações de prestarem fé ao que se annunciava. Poucos dias depois sabia-se que o respeitavel ecclesiastico havia sido solto,

reconhecendo-se que não havia sombras de cumplicidade na affixação do pasquim criminoso, e que o réu calumniara os jesuitas, como é de costume antigo e muito conhecido.

Os jornaes, que tão satisfeitos e apressados foram em dar a primeira noticia, mostraram-se em demasia preguiçosos em dar a segunda, e quando se resolveram a publical-a, julgaram a proposito omitir suas reflexões, condoendo-se de torem concorrido para espalhar mais uma calunnia contra o instituto religioso, que serviços mais relevantes tem prestado á Egreja e á civilização.

Para todos quantos tem estudado a historia da veneranda Companhia de Jesus, o facto de que a accusaram em Bruxellas era de todo o modo impossivel.

Na economia governativa da Companhia não entra a aggressão contra os governos e menos ainda contra os imperantes. Os jesuitas soffrem, deixam-se insultar, caluniar e crucificar até, e não reagem. Para a sua justificação ha um elemento poderosissimo, que é o tempo, de que a Divina Providencia dispõe, e que emprega para dar logar a todas as reparações, a todas as rectificações, a todos os actos de justiça.

Mas ainda para aquelles que por falsos preconceitos não querem estudar e meditar a verdadeiro historia da heroica Sociedade de Jesus, a noticia da sua cumplicidade no celebre pasquim, era de toda a maneira inverosimil, insustentavel, impossivel.

Os mais strenuos adversarios dos jesuitas são facéis em attribuir-lhes crimes, moral pervertida, ambição desmedida; mas não ha um só que não abaixe a cabeça ante a vasta illustração dos Filhos de Santo Ignacio, as suas altas faculdades intellectuaes, e até a finura do seu proceder e politica. — O tal pasquim era uma insensatez, um acto indigno, mas innocente nas suas consequências, uma acção impropria de quem tivesse senso commum. Não podia pois attribuir-se a quem em mais de tres seculos tem mostrado o espirito tradicional da prudencia, da reserva e de atilada perspicacia.

Se não fôra o espirito de partido, a insanidade do odio, e a perversão de todos os sen-

timentos honestos, ninguem ousaria dar a mais ligeira importancia a uma noticia, destituída de toda a plausibilidade, e cuja exposição bastava para se concluir sem hesitar, que a sua falsidade era manifesta.

Não succedeu assim, e houve quem lhe desse credito, ou fingisse que lhe dava, e se regosijasse vendo que mais uma calunnia vinha enriquecer a deducção chronologica, e outras colleções, dictadas pelo mesmo espirito e modeladas com a mesma verdade.

Tem assim procedido todos os velhos calumniadores da Companhia de Jesus e dos outros institutos religiosos, que, como ella cooperam com o Chefe Supremo visivel da Egreja para o governo d'esta e salvação das almas.

E ainda nos nossos dias vemos aproveitadas accusações indignas, que ha muito tem refutado a verdade historica. — Não são passados cinco annos que os theatros do Porto tiveram enchentes de espectadores ignaros, que iam ouvir as chocarriças insulsas de um drama miseravel, que um francez inventou, e um portuguez sem consciencia, a troco de algumas coróas de quinhentos reis, não duvidou verter para linguagem, que essas plateias inconscientes podessem entender, para progredirem no caminho da desmoralização e da ignorancia.

N'esso drama, como em todos os outros libellos diffamatorios, se repetia a sabida calunnia do envenenamento de Clemente XIV pelos jesuitas, accusação miserissima, que nunca conseguiu obter fóros historicos entre os homens, que se dedicam a contar aos vindouros os factos, que estes não presenciaram, mas devem conhecer.

Essa imputação, dirigida contra a Sociedade de Jesus, ha muito que foi expungida do rol de tantas outras, que a malevolencia e o odio lhe tem enderegado, o que não pôe embargos para que ainda hoje appareça algum escriptor devasso, que a resuscite, e algum traductor venal, que a reproduza com o fim de enganar o publico e concitar odios contra innocentes.

E' facto indiscutivel que Clemente XIV, tendo em mira evitar males maiores, e compellido pela pressão dos poderes politicos, que então dominavam nas côrtes da

Europa, supprimira a Companhia de Jesus. Querem os calumniadores attribuir á obra dos membros d'esta congregação o subsequente fallecimento do Pontifice, a quem elles haveriam propinado veneno, e fundam-se para isto principalmente em uma exclamação, que, se diz, o Papa fazia com frequencia, dizendo: «esta suppressão da Companhia me será fatal.»

Afirmára-se que o Pontifice pressentia que a Companhia exerceria a sua vingança contra elle, que a havia supprimido, ministrando-lhe veneno, que lhe causasse a morte.

Não tinha nem podia ter semelhante suspeita um homem, tão illustrado como Clemente XIV, conhecedor das altas qualidades e extremadas virtudes dos jesuitas, e das arditas intrigas, que urdiram os governos para o compellirem a dar demissão do serviço da Igreja a esta destemida, valerosa e obediente milicia.

O pezar do Pontifice era verdadeiro, sincero e constricto. Considerava elle como sendo uma fatalidade vêr-se privado do concurso e coadjuvação de tao aguerrido exercito, e por isso alto e continuamente lamentava o seu proprio acto, não livre nem motivado. Sabia elle perfeitamente que os humildes Filhos do Santo Ignacio não attentariam contra a vida de pessoa alguma, e menos ainda contra a do Augusto Chefe da Igreja, a quem servem sempre lealmente, e pelo qual sacrificariam bens, fortuna, socego, reputação e vida, mas tambem conhecia elle assás que a falta d'estes energeticos coadjuutores era irreparavel, e que o philosophismo, que promovera a sua queda, progredia impavido na sua carreira, e em breve lançaria a sociedade nos horrores da mais assoladora anarchia.

Não foram os jesuitas que envenenaram o illustre Pontifice; quem o envenenou, não com drogas toxicas, mas com amarguras moraes, foram os governos de França, Austria, Hespanha, Portugal e de outras nações, que o forçaram a um acto, que a justiça da sua consciencia repellia, e cujas consequências elle previa, observando como engrossava a onda alterosa da impiedade e da desmoralisação.

Nem uma vez só o Pontifice exprimiu durante a sua enfermidade a suspeita de que fosse victima de um crime, forjado nas trevas; e quando chegou a sua hora, e o seu corpo foi embalsamado, o exame minucioso do cadaver e dos intestinos, levou a convicção aos facultativos de que a morte fôra natural.

Todos estes factos, que se acham amplamente desenvolvidos em obras da maxima imparcialidade e até nos de auctores, que estimariam encontrar mais um pretext-

to para desacreditar os membros expulsos da Companhia accusada, são tão conhecidos, que só admira haver ainda, depois de passado um seculo, quem se atreva a reproduzir a calumnia e quem a ouça a sangue frio, sem immediatamente protestar em nome da verdade.

A má vontade todavia dos detractores da Sociedade de Jesus e de todos os Institutos piedosos e de religião não causa e mostra-se ate em cousas tão absurdas, que chega-se a duvidar da sanidade das faculdades mentaes de quem levanta as accusações e lhes dá curso.

O acto de Clemente XIV supprimindo a companhia e o seu subsequente e proximo fallecimento podia deixar suspeitas nos sobrevivios ácerca das causas proximas da morte do Pontifice; e foi mister que os factos se pozessem em toda a sua clareza e evidencia para que a tentativa de envenenamento não pudesse passar á historia com certa plausibilidade; mas a ultima accusação maçonica dos inimigos da Companhia em Bruxellas, repetida mais ou menos alegremente pelos adeptos da seita em todo o mundo, auxiliados pelo zelo noticioso da Agencia Telegraphica, era de per si tão insensata, estúpida, e inadmissivel, que só deve causar espanto que ella pudesse subsistir tres ou quatro dias.

Não será porém para admirar se amanhã apparecer um Ennes ou outro historiadador e dramaturgo de igual probidade, apresentando em scena algum jesuita a afixar pasquins incendiarios, e a repetir a narração do assassinio do Papa Clemente XIV, ou da tentativa contra el-rei D. José, que o marquez de Pombal inventou com grande vantagem para o seu predominio de mais de um quarto de seculo, e triste recordação para a sua memoria.

A calumnia não morrerá enquanto houver homens, mas a verdade ha-de sempre brilhar como o sol, que dissipa as trevas, e esclarece os antros, onde penetra.

E' o que acaba de succeder na Belgica, onde a despeito da má vontade do governo, os jesuitas mais uma vez sahiram illibados, como illibados haviam sahido no Porto ha poucos annos, quando foi moda bradar contra elles, se promoveram *meetings*, em que tomavam parte grandes figurões, e até se fez parar a carroagem em que ia o Augusto Chefe do Estado, para se lhe pedir que mandasse pôr em todo o seu vigor a draconiana legislação do marquez de Pombal, mil vezes derogada pela carta constitucional e pelo codigo penal. Então o ministerio denominado regenerador aproveitou habilmente os jesuitophobos para se consolidarem no poder, e zombando d'aquelles teve o bom senso de fazer ouvidos de

mercador, não se dando ares ridiculos, que na Europa provariam mais uma vez as misérias do nosso governo.

Desenganem-se todos os adversarios dos jesuitas, que a Companhia, fundada por Santo Ignacio de Loyola, não morre, porque é impossivel que desapareça do mundo a verdade e a virtude.

CONDE DE SAMODÃES.

SECÇÃO RELIGIOSA

CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE O

PAPA LEÃO XIII

A TODOS OS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DO MUNDO CATHOLICO EM GRAÇA E COMMUNHÃO COM A

SANTA SÉ APOSTOLICA

Sobre a restauração da Philosophia Christã nas Escolas Catholicas segundo o espirito do doutor angelico

S. THOMAZ D'AQUINO

A todos os nossos veneraveis Irmãos Patriarchas, Arcebispos e Bispos do mundo Catholico em graça e communhão com a Sé Apostolica

LEÃO XIII, PAPA,

Veneraveis Irmãos,

Saude e benção apostolica.

O Filho Unigenito de Deus, que desceu á terra para trazer ao genero humano a salvação e a luz da divina sabedoria, outorgou ao mundo um beneficio immenso e admiravel quando, prestes a subir ao céu, impoz aos Apostolos o—*ide e ensinai todas as nações* (1), deixando a Igreja por Elle fundada, como mãe e mestra de todos os povos. Aos homens, que a verdade havia resgatado, só a verdade podia salvar: e os fructos das celestes doutrinas, fructos de vida e salvação para os homens, não teriam sido duradouros, se o Senhor não houvesse instituido, para instruir os espiritos na fé, um magisterio perpetuo. Segura nas promessas, e apoiada na caridade de seu divino Auctor, a Igreja cumpre fielmente a ordem recebi-

(1) Math. XXVIII, v. 19.

da, nunca perdendo de vista, antes proseguindo com toda a energia, o seu fim: ensinar a religião, combater sem treguas o erro.

Eis o fim para que tendem os labores e vigílias de todo o episcopado; eis o fim que têm em vista as leis e decretos dos concílios, e muito mais a sollicitude dos romanos Pontífices, successores do bemaventurado Pedro, príncipe dos Apostolos, e herdeiros não só de seu primado, senão também do direito e munus de ensinar e confirmar seus irmãos na fé.

E' por isso que o Apostolo nos adverte, de que é *pela philosophia e rãs subtilizas*, (1) que muitas vezes o espirito dos fieis do Christo se deixa enganar, e se corrompe entre os homens a pureza da fé. E' também por isso que os Pastores Supremos da Egreja entenderam sempre, que o seu munus não os dispensava de darem todo o impulso, compativel com suas forças, para os vdeantos da verdadeira sciencia, e que sobre elles pesava ao mesmo tempo a obrigação de attenderem, com singular vigilancia, a que, por toda a parte, fosse dado o ensino de todas as sciencias humanas, segundo as regras de fé catholica, mas sobretudo a da *philosophia*, da qual, em grande parte, depende a justa noção das outras sciencias.

Nos, Veneraveis Irmãos, já tinhamos tocado este ponto, entre muitos outros logares, em nossa primeira Carta Encyclica, que vos dirigimos; mas hoje, a importancia do assumpto e a gravidade das circumstancias obrigam-nos de novo a combinar com vosco a natureza d'um ensino philosophico, que simultaneamente diga respeito ás regras da fé e á dignidade das sciencias humanas.

Se prestarmos attenção ás condições criticas em que vivemos, se, pelo pensamento, olharmos para o estado das coisas publicas e particulares, descobrir-se-ha sem difficuldade, que a causa de tantos males, que nos opprimem, como d'aquelles, que nos ameaçam já, consiste n'isto: em que as opiniões erroneas sobre todas as coisas divinas e humanas e as escholas philosophicas d'onde, em tempo, ellas sahiram, se têm introduzido, pouco a pouco, em todas as classes da sociedade e feito aceitar por grande numero de espiritos. E como é natural ao homem tomar por guia de seus actos sua propria razão, succede que as aberrações do espirito trazem consigo as da vontade; e é por isso, que a falsidade das opiniões, que têm sua séde na intelligencia, influem sobre as acções humanas depravando-as.

Pelo contrario, se a intelligencia está sã, e firmemente apoiada em principios so-

lidos e verdadeiros, ella será então fonte inexaurivel de innumeradas vantagens, tanto para o interesse publico como para os interesses particulares.

Não que Nos concebamos a philosophia humana tanta força e auctoridade, que a reputemos capaz de, per si só, repellir ou destruir absolutamente todos os erros. Mas assim como o estabelecimento da religião christã foi a luz admiravel da fé diffundida *não pelas palavras da subcloria humana mas pela manifestação do espirito e da força*, (1) que reconstituiu o mundo em sua primitiva dignidade: assim também, nos tempos presentes, é da omnipotencia da virtude e do soccorro de Deus, que devemos esperar o acordar dos espiritos, arrancados, finalmente, ás trevas do erro.

Mas nem por isso devemos desprezar ou pôr de parte os soccorros naturaes, postos ao alcance do homem por effeito da liberalidade da divina sabedoria, que tudo dispõe com força e suavidade; e d'entre todos esses auxilios, o recto uso da philosophia é, sem contestação alguma, o mais potente.

Não foi inutilmente que Deus fez luzir no espirito humano o facho da razão; e nem se diga que a luz jorrante da fé apaga ou amortece o vigor da intelligencia; muito pelo contrario a perfeição, e a eleva a um objecto mais sublime. Entra, pois, também na ordem da divina providencia, que para chamar os povos á fé e á salvação, se procure do mesmo modo o concurso da sciencia humana: processo engenhoso e admiravel, de que os mais illustres Padres da Egreja usaram constantemente, como nol-o attestam os monumentos da antiguidade. E com effeito, esses Padres a cada passo dão á razão uma função não menos activa que importante, a qual S. Agostinho resume em duas palavras quando *atribue a sciencia humana aquillo pelo qual a fé salutar é gerada, alimentada, defendida, fortalecida* (2).

E primeiramente, a philosophia, entendida no seu verdadeiro sentido, tem a virtude de aplanar, e d'alguma forma reforçar o caminho que conduz á verdadeira fé, dispondo convenientemente os espiritos dos que as estudam para a acceitação da revelação: é por isso que os antigos, não sem razão, umas vezes a chamavam *instituição preparatoria para a fé christã* (3), outras *o prefacio e auxiliar do christianismo* (4), outras ainda *o preparador para a doutrina do Evangelho* (5).

(Continúa.)

(1) I Cor. II. v. 4.

(2) *De Trin.* lib. XIV, c. 1.

(3) *Clem. Alex. Strom.*, lib. 1, c. XVI, l. V. I, c. 3.

(4) *Orig. ad Greg. Thaum.*

(5) *Clem. Alex. Strom.*, 1, c. 5.

A proposito da negação de sepultura ecclesiastica.

O que se pratica em Hespanha.

Elogio merecido.

Um dos maiores escandalos que se está dando quasi todos os dias em Portugal, com flagrante desprezo das leis da Egreja e das proprias leis do Estado que ainda faz timbre de catholico, é o do enterramento em sagrado dos cadaveres de hereges, de peccadores publicos não reconciliados, de publicos dogmatisantes, e maiormente de suicidas. Quanto a esta ultima classe, a *graca* que se lhe concede, mau grado as nui sabias e caritativas prescripções dos canones, é um dos incentivos mais poderosos para novos crimes. Todavia teimasse; e o *sic volo sic jubeo*. . . de um presidente de camara, de um chefe de policia, de um administrador de concelho, vale mais que todas as razões e que todas as leis: *Stat pro ratione (et pro lege) voluntas!* As auctoridades ecclesiasticas, ou se amoldam á iniquidade, transigindo com os discolos, ou são desacatadas pelos que se dizem representantes do rei *fidellissimo* e se declaram secretarios da *liberdade-licença*. Poderamos citar muitos casos—alguns de fresca data—mas para que? Difficilmente haverá leitor que os ignore.

Preferimos citar da *Civilisation Catholica* de Madrid, tom V. fasc. c. 13, o seguinte documento de um zelosissimo Prelado hespanhol extrahido do *Boletim Ecclesiastico de S. Thago*, que não será mau archivar-se n'estas paginas, com a *Real ordem* de 3 de janeiro, que também adiante copiaremos por extenso.

Arcebispado de Compostela.—Com data de 3 de maio de 1878 publicou-se uma *Real ordem* na qual ainda que se dizia expressamente deixar-se livre o direito da Egreja no tocante á declaração d'aquelles que falleciam dentro ou fora de seu gremio, afim de decidir quaes se deveriam enterrar em sagrado e quaes não, davam-se taes instrucções ás auctoridades governativas civis e assentavam-se principios tão oppositos á sua doutrina acerca d'esta importante materia, que nos propozemos desde logo trabalhar para a sua derogação ou modificação, mantendo-nos no entretanto firmes em sustentar os inquestionaveis direitos da Egreja e não consentindo a publicação do referido documento n'este boletim diocesano.

Felizmente o governo de S. M. presadiu-se da justiça das queixas apresentadas pelos Prelados e da necessidade de dar á sobredita *Real ordem* uma explicação mais conforme a uma e a outra do que seu contexto litteral; e por isso mesmo foi expedida pelo ministro da graca e justiça outra *Real ordem* declaratoria, que publicamos em continuação, recommendando-a efficazmente ao provado zelo de nossos dignos cooperadores.

Apoiados n'ella, jámais devem consentir que se dê sepultura ecclesiastica no cemiterio catholico aos restos mortaes de ne-

(1) Coloss. III. 8.

nham d'aquelles finados que a não mereçam segundo as santas e sabias prescripções canonicas. As auctoridades civis incumbem a erecção de pequenos cemiterios profanos em que possam ser enterrados os cadaveres de semelhantes desgraçados, e a nós instar incessantemente para que *cumpram* este dever com oppor-tunidade, isto é, quanto antes, para se evitarem conflictos á ultima hora. Se o não fazem ou não ha esperança de que o façam, tenham presentes os senhores parochos e demais encarregados das freguezias o que já n'outra occasião havemos ordenado, para que os ditos cemiterios se construam por conta dos que não sejam catholicos, e em ultimo termo caritativamente pela fabrica parochial. N'um caso extremo faça-se o que dispõem a citada *Real ordem*, e **NUNCA SE CONSINTA O ENTERRO EM LUGAR SAGRADO**. Os mesmos senhores parochos nos darão conta de todos os enterramentos effectuados até ao dia de hoje pelo emprego da força material e contra os seus protestos em taes lugares, afim de dispôr o que convenha em cada caso particular.

Palacio archiepiscopal de S. Thiago. 9 de janeiro de 1879.—MIGUEL, *Cardeal Paya, Arcebispo de Compostela.*»

REAL ORDEM A QUE SE REFERE A
CARTA PASTORAL ANTERIOR

«*Ministerio de Graça e Justiça.*— III.º snr.— Havendo-se suscitado algumas duvidas acerca da intelligencia e cumprimento da *Real ordem* de 30 de maio ultimo, dictada pelo ministerio do reino, e desejando Sua Magestade de El-Rei (Q. D. G.) resolvê-las, harmonizando como se deve os direitos do Estado com os da Igreja no desempenho de sua augusta missão, tive por bem mandar que os governadores civis e demais auctoridades a quem corresponda executar o disposto na citada *Real ordem* procedam de accordo com os Reverendos Prelados, deixando livre o direito da Igreja, como textualmente n'ella se declara, pois não foi nem podia ser objecto da dita soberana disposição despojar a Igreja da facultade que *exclusivamente lhe compete de declarar quaes são os que morrem dentro de sua communhão e quaes os que morrem fóra d'ella; e por conseguinte de conceder a uns e negar aos outros a sepultura ecclesiastica, segundo as determinações dos sagrados canones e as concordatas celebradas com a Santa Sé.* E' igualmente vontade de El-Rei que quando falleça alguma pessoa fóra da Religião Catholica e não haja na privação cemiterio proprio em que se lhe possa dar sepultura, se enterrarem os seus restos mortaes em lugar decente, immediato, porém separado do cemiterio catholico, segundo repetidas vezes se ha determinado, *evitando toda a profanacão, de baixo da mais rigorosa responsabilidade das auctoridades que deixem de cumprir este preceito, estando pela indole de suas funcções obrigadas a isso.* Eis o que, da real ordem e por accordo do conselho de ministros tenho a honra de participar a v. s.ª para seu devido conhecimento e consequentes effectos.

Deus guarde a v. s.ª por muitos annos.

Madrid, 3 de janeiro de 1879.—Calderon y Collantes.—III.º snr. bispo de...»

O governo hespanhol, por este facto, verdadeiramente excepcional, no presente mundo liberalesco, em que vivemos, merece elogios. Ha varias outras coisas pelas quaes os merece igualmente. Não é justo negar-se o que se vê e se apalpa.

Quanto ao Episcopado da nação visinha, todos sabem que é um Episcopado modelo. E ainda isso se deve tambem, em boa parte, a optima escolha do governo nas apresentações feitas á Santa Sé.

UM CATHOLICO.

SECÇÃO SCIENTIFICA

CALCULOS DA SCIENCIA

NA

IMMENSIDADE DA CREAÇÃO

II

A immensidade do universo e os desvarios da sciencia materialista

(Continuado do n.º anterior)

Um numero infinito, ou uma extensão real infinita, são paradoxos philosophicos e mathematicos refutados desde Aristoteles até Cauchy, bastando a simples observação de que sendo toda a quantidade representavel por numeros, se do numero que designa o infinito, seja par ou impar, se tira uma unidade, o infinito se transforma em finito, o que é absurdo.

Representar-se o universo como infinito sómente pela sua extensão, ainda que vastissima, é represental-o com essa qualidade precisamente pela razão mesmo que demonstra mathematicamente que não o pôde ser. Sem necessidade da metaphisica, a mathematica sabe que infinito e immensamente extenso são termos heterogeneos, que mutuamente se excluem. Não ha ninguém desde que aprenda o catholicismo que não saiba sobre este ponto tanto como Cauchy e Aristoteles; e para crêr que Deus é um ser infinito não tem mais do que imaginall-o como uma extensão, da qual não se pôdem contar as milhas nem na largura, nem no comprimento, nem na profundidade. N'esta preocupação vulgar, de que a fé preserva a gente mais rude, cáhe o materialismo a ter em razão de seu cargo afan d'applicar á materia, como a seu idolo, os attributos divinos, e proclamar que a materia é infinita, tratando de provar-o ridiculamente pela grande extensão do universo.

Assim discorre entre outros o celebre medico Buchner, cujos conhecimentos astronomicos já acabamos de vêr, e que continua para os manifestar dizendo que «o colossal telescopico de Lord Rosse nos tem dado a conhecer estrellas, cuja infinita distancia de nós é tal que passam milhares de annos sem que sua luz possa chegar até o nosso globo.»

Fabula absurda. Que haja estrellas tão distantes como essa, e ainda mais, é muito possivel; que as haja immensamente mais distantes que o *alpha do Centauro* é probabilissimo, porém já dissemos que a sciencia se contenta com afirmar que a luz emittida pelas estrellas privadas de paralaxe tardará o menos trinta e dous annos a chegar até nós; mas nem o reflector de Lord Rosse, nem nenhum outro, tem podido revelar causa alguma acerca dos milhões de que falla Buchner, porque onde não ha paralaxe não pôde haver nenhum criterio para apreciar a distancia absoluta. N'este ponto a phantasia é completamente livre, pois como disse Buchner, a *intelligencia confunde-se* pensando n'essa distancia. D'esta vertigem intellectual é prova evidente ter elle confundido como calculaveis, ou como compostos, o infinito e o immensamente extenso. Só um entendimento atacado d'esta vertigem e levado nas azas da imaginação podia delirando sempre com as noções astronomicas, andar em procura d'outros mundos infinitos, cuja existencia se suppõe mais para além dos limites do universo que nós conhecemos. A sciencia de hoje, mais positiva que nunca, tem o direito de pedir *provas e factos* positivos, não sonhos; e a astronomia, longe de dar essa demonstração, a declara pela sua parte impossivel. Verdade é que o medico Buchner, affectando possuil-a, diz: «Quando se tra am limites a estes corpos e ao universo, é natural que a attracção que encontra o seu ponto imaginario de gravitação no centro do nosso mundo produza como ultimo resultado a agglomeração de toda a materia n'um só globo.»

Outro novo disparate astronomico. Toda a gente sabe que se em razão da gravitação tendem a cahir no sol todos os planetas, pôde isto impedir-se, e com effecto se impede pela força da translação. A combinação d'estas duas forças é o regulador constante do movimento de cada planeta na sua orbita, e a sua queda no sol é por isso mesmo um absurdo incomprehensivel.

Por isso se toda a criação se limitasse ao nosso systema solar com seus planetas, movendo-se em volta d'um centro, e animados ao mesmo tempo pela força da translação, poderia percorrer assim um numero indeterminado de seculos sem se alterar a distancia dos corpos que o compõe, nem verificar-se a agglomeração de que nos falla Buchner. Isto só teria logar no caso de que este systema unico estivesse composto de outros muitos, como sabemos que acontece em ponto pequeno no systema solar, onde todos os planetas maiores constituem com seus satellites outros tantos systemas subalternos. Nada se oppõe á hypothese d'alguns, e mesmo innumeraveis systemas não subalternos, mas coordenados, com um centro commum de gravitação, em torno do qual continuam indefinidamente seus movimentos sem se aproximarem nem n'elle cahirem nunca em razão da combinação da força de translação com a de gravitação, e nada obsta tambem a que sejam varios e irreduziveis esses centros de gravitação; porém a astronomia não se acha hoje nas condições de poder assignalar ao movimento universal um centro, se bem que tem chegado a verificar um movimento de translação de todo o systema solar para a constelação Hercu-

les, e varios outros movimentos das estrellas em varias direcções, apesar de não ser possível ainda calcular essas orbitas em razão da lentidão de seus movimentos, e da pequenez dos arcos observados.

Os conhecimentos que até agora temos sobre este assumpto, longe de favorecerem, são oppostos directamente à ideia da final agglomeração da materia cosmica n'um centro commum.

Em todo este raciocinio de Buchner prescindiu-se até dos mais rudimentaes principios de mechanica elementar. Sabendo que os planetas gravitam para o sol perguntou a si mesmo: qual é a razão porque com o andar do tempo não se precipitam n'elle? Esqueceu-se desgraçadamente da força de translação, attribuindo este facto somente à força d'attracção dos systemas sideraes que por toda a parte nos cercam.

O sol attrahe n'uma direcção; porém as estrellas attrahem n'outra, e assim os planetas não caem, sendo isto para elle como um relampago, que illuminando o espaço vazio para além do nosso universo revelou n'elle a existencia d'infinitos mundos. Quem impede cahirem as estrellas que sustentam com sua attracção o nosso planeta? Sem duvida alguma outras estrellas mais distantes, e para suster estas haverá outras, e assim successivamente n'uma serie infinita. Ouçamos a Buchner: «Porém como este facto (o da agglomeração de toda a materia cosmica) nem acontece, nem tem acontecido nunca apesar da infinita (leia-se *extensissima*) duração da existencia do mundo, não pôde da mesma sorte admittir-se essa queda sobre um centro qualquer. Por isso é necessario conceber a existencia d'outros globos que se encontram para além do mundo visivel como os unicos que possam contrabalançar a força *centrifuga* (traducção de Stefanoni; leia-se *centripeta*) com o exercicio de sua attracção exterior ate o infinito». Ponhamos ponto aqui.

Secchi dizia d'estes taes: «E' inutil rofural-os» e nós adoptamos o seu conselho.

T. DA C. C.

SECÇÃO LITTERARIA

A proposito de Gioberti

Publicamos de uma carta de nosso collaborador «Vimaranense» o seguinte trecho:

«...Não, querido amigo, não respondeu o snr. N. . . , nem me consta que alguém respondesse até hoje, á nota 5.ª do 1.º vol. do «Liberalismo Desmascarado» no «referente a Gioberti»; e provavelmente ninguém responderá.

Agora se o amigo quer saber coisas mui curiosas em relação ao tal padre liberal a quem Deus haja perdoado seus muitos desvarios, leia os curiosissimos artigos que se estão publicando na «Civiltà Catolica» com o titulo:—*Pio IX e Carlos Alberto*. Leia sobretudo o parographo XIX, a pag. 530, no fasciculo de 7 de junho, em que se transcrevem algumas palavras do grande Pio dirigidas ao avô de Humberto de Sa-

hoya. Verá como se refere o Santo Padre ao «ecclesiastico disgraziatamente troppo celebre per certe massime...» que «lo rende pericoloso,» etc. 1.º E mais adiante verá como o proprio rei Carlos Alberto falla do seu primeiro ministro, que n'esse tempo era o dito Gioberti, denunciando explicitamente suas obras, em carta dirigida ao Papa, a 10 de setembro de 1848, estranhando que a Santa Sé ainda as não tivesse prohibido, o que, segundo elle, *tinha já causado à sociedade e à Igreja grandes males... D'onde conclue e com muita razão a Civiltà* quão «grande devia ser a repugnancia do rei em submeter-se à dura necessidade constitucional de tractar negocios de governo com um homem que elle tanto detestava,» accrescentando que «não foi então que o principiou a detestar, mas muito antes; pois que, segundo se vê das memorias autographas do Padre Bresciano, já elle em 1846 quiz fazer todas as despezas da resposta que o Padre Francisco Pellico (2) deu ás infamações de Gioberti impressas contra os jesuitas nos seus *Prologomenos*.» (V. *Civiltà*, pag. 333)..

No 1.º de outubro de 1848 o Santo Padre Pio IX escreveu a Carlos Alberto «como que desculpando-se da demora que tinha havido ate ahi na condemnação dos libellos de Gioberti (*giustificando gli indugi corsifino allora*; e enviando-lhe copia dos documentos em que se mostrava a verdade d'aquillo que affirmava.» Toda esta carta é mui digna de se ler (vej. a pag. 534 e 535 da cit. *Civiltà*.) Veio depois a condemnação, como todos sabem, e o que peor é, a recusa de submeter-se aos juizos da Santa Sé e... a morte repentina!...

Ainda haverá quem nos queira apresentar Gioberti como modelo de padre catholico? De liberal... pôde passar, não lhe parece, querido amigo? Mas então não devem querer escudal-o com Pio IX.

THEREZA DE JESUS

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS

TRADUCÇÃO DO PADRE LINA

I

Conjuncto sublime de grandeza e humildade, de genio e de abnegação, de amor

(1) «Ecclesiastico disgraziadamente muito celebre por certas maximas que propagou e que o tornaram perigoso.»

Esta carta de Pio IX ao rei de Piemonte é datada de 26 de agosto de 48. Veja-se tambem a insuspeita *Storia della dipomazia italiana*, de Nicomedes Bianchi, vol. 6.º, p. 5 e seg.

(2) Foi provincial da Companhia no Piemonte, e era irmão do auctor das *Minhas Prisdas*, o bem conhecido Silvio Pellico. A sua resposta a Gioberti é solida e triumphante, a do Padre Curci porém (*Fatti ed argomenti e Una Divinazione*) levou-lhe certa vantagem no estylo e pôde dizer-se que matou o calumniador.

e de austeridade, se nos apresenta a nobre dama, a mulher illustre, a virgem christã, doutóra e fundadora, que forma o objecto d'estas paginas.

Poucas, mui poucas figuras, teem um pedestal mais alto, nem mais gloriosa corôa; e a que pôde, atravez das convulsões dos seculos, conservar-se em tão grande altura, foi certamente porque a virtude e a religião lhe serviram de celestial escada para ascender a ella.

Vamos tratar de uma hespanhola digna de veneração e só por este facto, correrá com mais facilidade e maior gosto nossa penna ao escrever esta lenda.

Enthusiastas pelas glorias da nossa patria, quizeramos que n'ella se embalsassem todos os grandes genios do mundo; porém, já que isto não é, nem pode ser assim, permitta-se-nos ao menos occupar-nos com legitimo orgulho dos que como Santa Thereza de Jesus, tanto a tem honrado.

A mulher, modelo de perfeição e fortaleza, de que vamos occupar-nos, chamou-se, ao purificar-se da primeira culpa na pia baptismal, Thereza de Sanchez Cepeda e Ahumada, era filha dos illustres senhores D. Alfonso e D. Beatriz, naturaes da pequena cidade d'Avila de los Caballeros, aonde nasceu tambem esta admiravel menina no dia 12 de março de 1543.

Entre outros irmãos, tinha Thereza um chamado Rodrigo, que contava dous annos mais que ella e a quem amava desde a mais tenra idade com o maior extremo; este menino de condição meiga e affavel e sensivel coração, sympathisava tambem com sua irmã e costumava retirar-se depois de seus estudos, a um sitio remanoso do jardim para ler as vidas dos santos, que sua boa mão lhes proporcionava.

Eram duas creaturas que formavam um grupo encantador e que seus paes admiravam com incansavel ternura.

D. Alfonso procurou dar à meovina uma educação esmerada, que ella aproveitou de uma maneira prodigiosa; era de comprehensão rapida, de sensibilidade exquisita e profunda e de perspicaz engenho.

A excellencia do seu talento traduzia-se no nobre corte da sua fronte arqueada, e nos seus grandes olhos pretos de meigo e de affectuoso olhar.

Thereza tinha a tez ligeiramente morena, o cabello preto emuldurava-lhe a fronte em espessas tranças, que se lhe distendiam depois graciosamente pelo collo, a bocca pequena de carminea côr e delicadamente debuxada; o nariz, recto e nobre, destacava-se d'entre as mimosas faces. Era de estatura mediana, mas de perfeito e airoso talhe, que alliado à graça de seus movimentos a tornavam um conjuncto de graça, de belleza e harmonia.

Thereza aperfeiçoava-se desde creança não só com o estudo, mas até com a desvelada ternura de sua mãe, que não deixava nunca de dar-lhe bons conselhos, e de reprehendel-a com incomparavel doçura quando não cumpria com alguns dos seus deveres.

Thereza estudava com afan, para que lhe sobrasse tempo para entregar-se à sua leitura favorita de vidas e martyrios de santos; a narração d'aquellas persoguições excitava os dous irmãos a invejarem os que as soffriam.

Contava Thereza uns oito annos, quando uma noite depois da ceia toda a familia orava ante uma imagem de Nossa Senhora do Rosario que tinha o menino Jesus nos braços.

Os senhores Sanches de Cepeda eram ricos e contavam uma numerosa creadagem, aos quaes, segundo o piedoso e santo costume d'aquelle tempo, faziam tomar parte nas orações da manhã e da noite.

Era interessante o quadro que esta apresentava em frente do altar da Virgem. A creadagem ajoelhava por detraz dos donos da casa, em quanto que as creanças com essa graça infantil se prostravam junto á santa imagem em frente de seus paes.

De repente ouviu-se a infantil voz de Thereza que exclamava, olhando para a Virgem:

—Olhem como a Senhora se ril Olhem como o menino se sorri tambem!

—Filha, disse D. Beatriz, deixa-te de tolices e reza!

—Minha mãe, a Senhora ri-se para mim: não vê?

—Não, minha filha: a Virgem tem mui meigo o rosto, mas não se ri; é illusão tua.

—Eu a vi já rir, minha mãe, e agora mesmo se está a rir!

Todos julgavam que o acontecido era illusão de Thereza, porém seu pae fez signal para que se guardasse silencio, pois aquella illusão, por piedosa, merecia ser respeitada.

A contar d'aquelle dia a santa menina tinha extasis e visões celestias; figurava-se-lhe ouvir, em sonhos, vozes do céu que a chamavam, canticos dulcissimos e arrebatadores, accentos divinos, harmonias mysteriosas; era que em sua alma se elevava um hymno eterno de poesia.

Um dia a innocente Thereza encontrou no jardim da sua casa seu irmão Rodrigo, e lhe disse:

—Não admiras e amas como eu a esses santos martyres que morreram pela fé e pela religião?

—Tu sabes que sim, respondeu Rodrigo com toda a ingenuidade dos seus dez annos.

—Queres tambem ser martyr? Deséja-l'ó?

—De todo meu coração; já l'ó tenho dito mais vezes.

—Pois olha, Rodrigo, eu tambem, e podemos sê-lo.

—Podemos sê-lo?

—Sim!

—Como?

—Indo para terra de gentios, a procurar o martyrio.

—Mas não quererão levar-nos.

—Já o sei; iremos sós.

—Ambos sós?

—Sim, *sósinhos*.

—So tens oito annos e eu dez!

—Isso que importa? melhor; como somos creanças, ninguem nos fará mal pelo caminho; ao contrario, por compaixão ao menos nos darão de comer e gasalhado.

—E vamos sem dinheiro?

—Como havemos de levar dinheiro se não o temos?

—Podêmos tirar algum da bolsa da mãe.

—Alto lá, irmão! Que horror! Isso seria roubar!

Então havemos de ir sem nada?

—Sim; Deus nos ajudará.

Pois por mim vamos; nada podemos fazer que seja mais do meu agrado porque estar a gente aqui sem fazer nada em quanto que por esse mundo estão martyrisando tantos santos!...

—Porque agora tambem os martyrisam, não é verdade!

—Certamente.

—E, onde iremos?

—Essa é boa, á Mourama.

—E quando vamos?

—Amanhã, respondeu Thereza, que era directora do plano; está prompto para quando raiar a aurora; levantar-nos-hemos sem ruido para que ninguem nos ouça, e caminhemos.

—E deixamos nossos paes, nos: os irmãos?

—Deixamol-os por Deus.

—Tens razão; os martyres deixavam tambem suas familias; amanhã partiremos.

II

Os dous realisaram seu projecto.

Thereza e Rodrigo acordaram ao amanhecer, ou melhor, passaram sem dormir toda a noite, e assim que a primeira luz d'alva appareceu no Oriente, deixaram a casa de seus paes sem que ninguem os visse nem ouvisse, e caminharam com essa aprazivel tranquillidade e sublime confiança, propria da sua idade.

Teriam andado perto de um hora quando principiaram a sentir fome.

Tinham sahido de casa sem comer.

—O Thereza, disse Rodrigo, sabes o que me lembra? Que bem podiamos ter trazido um pedaço de pão sequer; sinto assim como dores no estomago.

—Eu tambem, replicou Thereza, a quem as cores principiavam a abandonar as faces.

—Que havemos de fazer?

—Soffrer! Não queremos nós padecer por amor do Senhor? Pois façamos conta que desde já principia nosso martyrio.

—A fome é negra, irmã! Que nos açoutem e nos queimem, vá; mas a fome creio que é peor que tudo!

E ao dizer isto os olhos de Rodrigo marejaram-se-lhe de lagrimas; via-lh'as sua irmã, e isto junto á angustia que ella propria sentia, principiou a desanimar-a.

—Ai, meu Deus! Que havemos de fazer! exclamou Thereza.

—Não sei, balluciou seu irmão.

—Vamos andando, replicou a menina, e quando encontrarmos algum passageiro pedir-lhe-hemos uma esmola.

—Bem, vamos andando.

E as duas creanças proseguiram seu caminho com não pouca angustia de seus estomagos, acostumados a um abundante almoço. Já começava de novo a faltar-lhes o animo, quando viram apparecer uma carroagem.

—N'esta carruagem irão pessoas ricas, observou Rodrigo, que não tinha a força de vontade de sua irmã; peçamos-lhes alguma cousa.

—Tenho vergonha! murmurou Thereza.

—Eu tambem! Mas que remedio? Se

tu não queres, eu irei ter com o dono da carroagem.

Rodrigo esperou o pezado trem, aproximou-se da portinhola por onde assomava um homem de bastante idade, e disse:

—Cavalheiro, dai uma esmola pelo amor de Deus a dous pobres meninos que vão para a Mourama!

—Deus me perdoe! Não serão estes os meus sobrinhos Thereza e Rodrigo? exclamou o homem da carroagem: cocheiro, pára as mulas.

A carroagem parou e o viajante apeou-se.

Era um homem dos seus quarenta annos, de aspecto benigno mas respeitavel; as creanças reconheceram logo n'elle o irmão de sua mãe, que residia em Madrid e que lhes dava doces e brinquedos todas as vezes que vinha a Avila.

—Para onde ides? perguntou D. Alvaro d'Alumada aos dous heroes em miniatura!

—Para a Mourama, disse Thereza com ardor.

—A quê?

—Pedir aos mouros o martyrio.

D. Alvaro fez um esforço supremo para conter o riso, e immediatamente perguntou:

—Que levas para comer?

—Ó que nos derem de esmola.

—Subi á carroagem, disse D. Alvaro, vamos para casa de vossos paes, onde vou; parece-vos que é agradável aos olhos de Deus abandonar casa, familia e submergil-a na desesperação? Se for vontade de Deus dar-vos o martyrio, que desejas, a elle vos levará Deus por outro caminho. Eia! acima!

Thereza e Rodrigo subiram algum tanto vexados; seu tio subiu depois; mandou fechar a portinhola e a carroagem retomou o caminho d'Avila.

Quando chegaram, D. Afonso riu-se dos projectos de seus filhos e do appetite com que devoraram o almoço que lhes dera. D. Beatriz ralhou bastante, mas á noite principiou tambem a rir-se com seu marido da singular viagem que seu irmão havia interrompido.

Ao outro dia, Thereza e Rodrigo entraram no jardim á hora do recreio, e dirigiram-se para debaixo de um enorme castanheiro ao pé do qual brotava uma fontezinha: era este de ordinario o sitio de seus conciliabulos.

—Não sabes, disse Rodrigo, que tenho vergonha e tambem pena do que nos succedeu hontem?

—A culpa foi toda tua, disse Thereza muito maguada.

—Minha?

—Tua, sim, tua; e só por seres comilão! Não podias soffrer a fome?

—Já não podia mais, Therezinha.

—Mas eu pude!

—Tu sim que és muito mais forte; isso é sabido.

—Devia ser ao contrario, pois és mais velho dous annos; se não fosses pedir aos que vinham na carroagem, talvez estivéssemos já em terra dos mouros.

—Dizem que é muito longe; enfim já não podemos ir; já está frustrado nosso plano.

—Isso é que eu sinto! Fiz voto ao Se-

nhor e agora que dirá de mim? Como esará irado!

—Não, que elle é bom. Pois bem sabe que se não fomos é porque nos não deixaram!

—Ocorre-me uma ideia, disse Thereza, que era d'onde partiam sempre as propostas.

—Qual é? perguntou Rodrigo.

—Que já que não podemos ser martyres, sejamos ermitões.

—Ermitões! essa não é má!

—Olha, pedimos á mãe que nos mande fazer duas cellinhas de colmo.

—Mas aonde?

—Aqui, no jardim.

—E quererá!

—Creio que sim: seja o que for, eu vou-lh'o já dizer.

Thereza correu a manifestar seu desejo a D. Beatriz, que a ouviu com o sorriso nos labios.

—Então quereis agora ser solitarios? observou: olha, filha, tu tens inculido a teu irmão umas ideias que não me agradam, nem a teu pae; tu és a auctora d'este projecto, assim como o foste de ir á Mourama. Não é assim?

—Sim, senhora, respondeu Thereza um tanto confusa.

Já o presumia: mas, minha filha, se tu quizeres ser religiosa, quando tiveres idade para isso, ninguém t'o estorvará e eu serei até n'isso muito contente; porém, em quanto a Rodrigo, o caso muda de figura; teu pai destina-lhe a carreira das armas; por isso não o faras santarrão.

Thereza ia retirar-se chorosa e afflicta.

—Olha, disse D. Beatriz, que era a bondade personificada; afflige-me ver-te triste, minha filha; por esta vez vou-te fazer a vontade: terás uma cellasinha com a condição de que só te retirarás a ella para fazer tuas orações pouco tempo cada dia, sem todavia abandonar a companhia de tua familia, nem teus estudos e occupaões uzuacs; em quanto a Rodrigo, não deve pensar n'essas cousas.

Thereza retirou-se do quarto de D. Beatriz, e seu irmão que a esperava, sahiu-lhe ao encontro.

—Que disse a mãe? perguntou-lhe.

—Que mandará fazer uma cella.

—Uma só?

—Só uma para mim.

—E eu porque não hei de ser tambem ermitão? exclamou chorando o menino.

—A mãe diz que has-de ser militar, e não monge; mas vae ao pae e pede-lhe uma cella; ainda que duvido que t'a dê, porque está provado que Deus quer castigar-te.

—Porqu'?

—Por não te teres resignado a soffrer um poucachinho a fome.

Rodrigo foi immediatamente procurar D. Afonso, que lhe prometteu dar-lhe uma cella para ser ermitão.

Dous dias depois, as cellas estavam promptas; as creanças habitavam cada uma a sua, resando com fervor.

A virtude havia-se arraigado cada dia mais e mais na terna e entusiasta alma de Thereza. Conseguiu que levassem para sua cella uma mesinha coberta com um panno branco, sobre a qual collocou um bello crucifixo, dadiva de sua mãe, dous casti-

ças com velas de cera e duas jarras, que conservava sempre cheias de flores, colhidas no jardim.

De joelhos ante aquella santa imagem, passava Thereza longas horas conversando com Deus por meio da oração, e meditando tristemente no que lhe suggeria a contemplação do Divino Senhor, que morreu por nós á custa de tormentos infinitos.

Um dia foi visitar D. Beatriz uma senhora sua amiga, acompanhada d'uma filha, joven formosissima e que acabava de salír do convento das religiosas de Santo Agostinho d'Avila, onde se tinha educado como pensionista.

Enamorada esta da belleza d'aquella menina que via pela primeira vez, abraçou-a, apertou-lhe a mão com ternura e perguntou-lhe como se chamava.

—Chamo-me Thereza de Jesus, respondeu a menina.

—Não é Cepêda o appellido de teu pae? perguntou admirada a joven.

—Com certeza, respondeu a menina; estimo muitissimo este appellido illustre; mas desejo chamar-me e que todos me conheçam pelo nome mais lúdo do mundo; chamo-me Thereza de Jezus.

—Minha querida, disse D. Beatriz, peço-vos que não estranheis a resposta de minha filha: não é muito atilada, se bem que, segundo diz meu bom irmão D. Alvaro que a estima, é dotada de um extraordinario talento.

—Talvez que a mesma viveza da imaginação a faça padecer algum desvario, disse a mãe da joven; isso não é cousa nova, antes é bem frequente.

—Meu esposo, continuou D. Beatriz, diz que Thereza ha de ser uma notabilidade no mundo; é da mesma opinião minha filha mais velha, que a ama ternamente; eu peço a Deus que faça d'ella o que for do seu agrado e que modere o fervor de sua devoção, que é excessivo; tem frequentes extasis e durante elles, diz que ouve fallar Deus e sua Santa Mãe.

—Ouço, ouço, affirmou Thereza; de noite vi o Senhor crucificado, que em quanto eu rezava ante elle, se ia circumdando de luz: eu lhe dizia:

—Senhor, eu quero ser sempre vossa.

—E elle com voz dulcissima me respondeu: —Tu és Thereza de Jesus e eu Jesus de Thereza.

As duas damas olharam para a menina, totalmente admiradas.

E assim chegou a formosa Thereza aos doze annos; n'esta idade, sua viva imaginação desejou saber mais cousas do que as que lhe tinham ensinado.

D. Beatriz, senhora de tanta bondade e tão piedosa, como fica dito, tão terna mãe como exemplar esposa, tinha o defeito de ser extremamente affeioada a livros de cavallaria, affeição que transmittiu a sua filha, que passava largas horas entretida em taes leituras, as mais proprias para exaltar sua imaginação juvenil, já de si tão ardente.

Thereza começou a rezar meuos e a sonhar com famosos paladinos, com formosissimas princezas, com musicas e torneios.

Thereza olhava-se ao espelho jactanciosa e ao ver-se tão bella perguntava-se se não seria mercedora das proezas de algum paladino valente, de algum illustre guerreiro.

Começou de pedir vestidos e joias com grande admiração da familia, que, contente ao ver que perdia a affeição á vida religiosa, lhe dava tudo o que lhe pedia, na esperança de assim a satisfazer, e desviar das ideias de devoção e de retiro.

Tinha Thereza quatorze annos quando Deus foi servido chamar para si sua mãe; esta perda foi dolorosissima para a joven, mas bem depressa achou consolação ás suas penas; principiou de vestir-se com mais esmero, frequentando algum dos salões de baile da cidade e enfeitando-se de uma maneira tão rica quanto dispendiosa.

Esta affeição augmentou-se com a chegada a casa de seu pai de uma prima viuva e joven, mas de tão má índole, que difficilmente deixava aquietar Thereza duas horas em casa.

Esta joven, extraordinariamente formosa, era a pessoa que menos convinha á menina Thereza, naturalmente alegre e dotada de um caracter dominante e independente; seu pai fez-lhe algumas admoestações; mas que podiam estas contra o effeito que produziam n'ella os elogios que prodigalisavam á sua belleza verdadeiramente admiravel, e cada vez mais seductora e mais cheia d'attrativos?

A phisionomia de Thereza tinha-se alterado um pouco; sua côr morena transformara-se em um trigueiro mate muito claro e diaphano; seus grandes olhos pretos eram velados por largas pestanas da mesma côr; longas e pretas madeixas aformoseavam seu rosto de um oval admiravel.

Sua pequena bocca deixava entrever ao sorrir-se, dous fios de pequenas perolas alvas e eguaes; suas sobrancelhas eram nobremente desenhadas; o collo era de uma belleza extraordinaria e os escriptores d'esse tempo dizem que havia n'ello *alguma cousa de cysne*.

Assim era Thereza Cepêda, ou de Jesus, como ella propria se chamava e como a chamavam em toda a cidade.

(Continúa).

Os nossos bispos na camara dos pares

Discurso de n. exc.º rev.º m.º sr. Bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 14 de junho (1)

(Conclusão)

Agora peço mais licença para me occupar de um negocio particular.

Não estou acostumado a tratar de interesses pessoaes, e confio que a camara me relevará, que eu por esta só vez recomende á consideração do governo a urgente justiça da reintegração do conservador de hypothecas da comarca de Portalegre, o sr. Antonio Joaquim de Araujo Juzarte.

Sabe-se a historia que provocou a exoneração d'aquelle cavalleiro. Não foi nenhum erro de officio, mas um acaso em que, perturbada gravemente a ordem publica, a alguém pareceu achar-se comprometido o sr. Araujo Juzarte; occorrendo

(1) Por um lapso que não podemos evitar, sahiu no passado numero, o principio d'este discurso subordinado á epigrapha de *O clero na camara dos deputados*, quando devera sair sob o titulo em que são hoje e sob que tem sahido os mais discursos do venerando Prelado.

aliás elle só para sustar o molim, e prestar officios humanitarios.

Bem depressa e no mesmo juizo o agravo lhe foi reparado por um illustrado integerrimo juiz, e confirmada essa reparação na superior instancia.

Eu entendo na minha consciencia que devo aqui advogar a justiça que assiste á pessoa de quem trato. Posso entrar com segurança na apreciação do seu caracter, porque pelo espaço de seis annos, em que governei a diocese de Portalegre, encontrei sempre n'este cavalheiro, nas mais melindrosas circumstancias, toda a coadjuvação para a conservação da ordem e da moralidade, desempenhando elle tanto o cargo de administrador do concelho, como outras funções publicas.

Sempre na opinião geral foi tido como um funcionario serio e grave. Serviu comigo em dois biennios na junta geral do districto, tendo eu a presidencia. No primeiro biennio a junta começou extremamente agitada.

Eu não estava ao facto das intrigas que se tinham urdido, antes da convocação estava em Lisboa, e só cheguei a Portalegre na antevespera da installação da junta; a tudo era estranho, e mesmo á gerencia do cargo, que de começo me coube pelo titulo de ancianidade, e depois por eleição.

E eu, depois de sessões tumultuosas que foram pacientemente serenadas, cheguei a conseguir que todas as medidas tomadas, mesmo as que eram de caracter politico, fossem votadas por unanimidade. Mas a quem devi eu este resultado? Foi em grande parte á cooperação pacificadora e sempre leal do sr. Antonio Joaquim de Araujo Juzarte, não obstante elle pertencer á parcialidade dos descontentes; seu typo foi a sizerudez e a lealdade. Tal é o testemunho que em minha consciencia lhe devo. No segundo biennio propoz a installação do asylo da infancia; proseguiu, e realison-se a effectividade.

Sabe-se que o illustre ministro da justiça demissionario só esperava occasião de transferencia do actual conservador para reintegrar o sr. Araujo; e certamente é bem de esperar que o actual sr. ministro não deixe escapar a satisfação d'este acto de justiça.

Desejava tambem fazer uma recommendação ao sr. ministro das obras publicas acerca da continuação dos estudos do caminho de ferro do districto de Bragança.

Não deve esquecer que, parece-me, que ha dois annos começaram esses estudos, e não sei qual é actualmente o estado do seu andamento: é assumpto que por si mesmo se recommenda.

Posto que o meu caracter para com os cidadãos de Bragança seja todo restricto á esphera espirital como bispo da diocese, não me inibe esse caracter de que eu, na qualidade de representante da nação no parlamento, cure tambem dos interesses temporaes dos meus diocesanos.

Eu aproveito esta occasião para declarar que prestarei a cooperação sincera e franca do meu voto ao gabinete em tudo quanto possa contribuir para a marcha do governo dentro das condições que ha pouco apresentei; e não deixarei tambem de aproveitar, para d'este logar, que é o meu posto perante o parlamento, dirigir as expressões do meu respeito ao illustre gabi-

te demissionario, que com igual firmeza e lealdade, no campo d'aquellas mesmas condições procurei acompanhar sempre.

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

Historia Popular dos Papas

BONIFACIO VIII

O zeloso editor de Guimarães, o sr. Teixeira de Freitas, acaba de distribuir o fasciculo 11 da *Historia Popular dos Papas*, por Chantrel, traduzida em lingua vulgar pelo sr. Antonio José de Carvalho. Esta obra notavel é publicada com a approvação e recommendação do Ex.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, e justamente estimada por todos os sinceros amigos da Igreja e do papado.

Na humilde opinião do que firma com o seu nome estas linhas, a historia de Chantrel é uma obra monumental no seu genero, em nada inferior ás melhores historias que tratam dos Pontifices romanos, e superior a um grande numero d'ellas.

O auctor, no desempenho do plano que traçou, não entra em longas demonstrações: prova com factos, expostos com simplicidade e clareza, o que tem sido os chefes supremos da Igreja, no longo decurso de mais de dezoito seculos.

Elle se esforça por mostrar ao povo honesto e amigo da verdade, onde ella está em relação ao papado, tão odiado e calumniado pelos inimigos da religião catholica.

Demonstra, á luz dos factos, aos pequenos, aos pobres, e, por consequencia, a quasi todo o genero humano, que são elles quem mais tem lucrado com a benefica influencia do papado.

Chantrel procura esclarecer o povo a respeito dos Pontifices da Igreja de Deus, esses grandes homens (pois todos, com rarrissimas excepções, foram superiores ao seu seculo) que se tem sentado na immorttal Cadeira de S. Pedro.

O povo, do povo, com o povo, pelo povo e para o povo... tal é o estribilho da moda a proposito de tudo e a proposito de nada. E', pois, necessario tambem escrever uma historia dos Papas para o povo, a fim de o esclarecer. D'aqui o nome de *Historia Popular dos Papas*.

Chantrel consultou os trabalhos modernamente feitos por sérios historiadores acerca do papado, e ao mesmo tempo examinou todos os livros que lhe são hostis e que estão mais vulgarizados.

Com a historia na mão, a historia que não é monopolio de ninguem, o auctor patenteia os arraigados preconceitos e os erros mais acreditados que se encontram n'esses livros. Combate-os já directamente, já indirectamente pela simples exposição dos factos.

Não entrando em grande desenvolvimento do assumpto, como já indicamos, ainda assim ninguem pense que Chantrel omitte os factos mais importantes. Não, senhores; e até mesmo não passa em silencio alguns pontos secundarios, que servem para dar a conhecer os Summos Pontifices.

Quer-nos parecer que *ninguem* deixará de ler esta bella historia pontificia.

Ninguem que seja instruido. *Ninguem* que prese a verdade historica do pontificado. *Ninguem* que seja dedicado a estes estudos. *Ninguem*, sobretudo, que seja ecclesiastico, com os predicados mencionados.

Pois que é o Papa? Ha um seculo que um jansenista da Austria ousou publicar um folheto com este titulo: *Quid est Papa?* Não era outra cousa que uma serie de heresias, de calumnias e de invectivas contra os Papas, colleccionadas pelo celebre Eybel.

Taes heresias, calumnias e invectivas tem-se repetido, e repetem a cada passo, contra os Vigarios de Jesus Christo, já pela ignorancia, já pela má fé, e não raras vezes par tudo junto.

Aos Papas se deve o desenvolvimento da civilização moderna, bom como o derramamento das luzes do christianismo por todo o orbe; e são ainda elles os que mantem no mundo a verdade e a verdadeira independencia das consciencias. Em poucas palavras, os Papas são o sol do mundo moral.

E' o que mostra com factos irresponsiveis o auctor da *Historia Popular dos Papas*.

Esta publicação vae muito adiantada, e o ultimo fasciculo faz parte do volume segundo, chegando até a paginas 100.

Termina com a biographia de Bonifacio IX, um dos Papas que se sentou em Avinhão. Mas a parte mais interessante, e que occupa um grande espaço n'este fasciculo, é o pontificado glorioso, de lueta e combate, de Bonifacio VIII, um dos Pontifices mais ultrajados e insultados na sua epocha, e calumniado em nossos dias.

Chantrel leva á ultima evidencia a grandeza de Bonifacio VIII, a sua virtude e energia, e reduz a pó o que a proversidade e a ignorancia ousaram imputar a este Pontifice.

Apresentaremos aqui a carta notavel que o grande Papa escreveu, log. que cingiu a thiara, ao rei de França Philippe, o Belto.

Todos os reis e governos deviam medital-a. Ora ouçam:

«Pedimos e exhortamos a Vossa Alteza, e conjuramo-vos no Senhor Jesus Christo, que considereis attentamente que a honra do rei ama a justiça; que respeiteis cuidadosamente os limites d'esta virtude; que a ameis sinceramente, não abandonando nunca a equidade, não esquecendo nunca a clemencia, para que o grande povo, que vos está sujeito, repouse no seio da paz e opulencia.

«Honrae constantemente e com zelo a Santa Igreja, vossa mãe, seus Prelados, que são os ministros do nosso Salvador, e as pessoas ecclesiasticas, consagradas ao seu serviço, ou melhor, honrae n'ella e n'ellas o Rei do ceu e o Senhor, pelo qual reinaes e sois governado. Enchei-as dos vossos roaes favores; esforçae-vos em proteger e defender efficazmente e em toda a sua plenitude suas liberdades e direitos.

«Portae-vos para com ellas, como filho da gra a e benção, de modo que mostreis, para gloria de Deus e augmento da vossa propria honra e da vossa grande fama, que não só imitaes cuidadosamente, mas até

excedeis vossos maiores de gloriosa memoria, modelos de dedicação e respeito à Igreja.

«Depois, depositando em nós, como em pae benévolo e sincero, plena confiança e sincera esperança, em nós que, estando em muito mais humilde posição, vos amamos tão ternamente e nunca deixamos de vos estimar, recorrei sempre a nós em todas as vossas coisas, nas vossas necessidades e nas do vosso reino; pois attendemos de muito boa vontade os vossos desejos, reaes, em tudo o que nos requeira a vossa real pessoa e nos seja permitido por Deus, desejando não só a vossa prosperidade e a do vosso reino, como augmental-a com os maiores favores.»

Esta carta, dirigida ao rei de França (que todos os reis deviam ter como dirigida a elles), mostra quanto lhe era afeiçoado Bonifácio VIII mas tudo é interessante na historia d'este Papa.

Limitamo-nos a citar este documento relativo a Bonifácio VIII mas tudo é interessante na historia d'este Papa.

Ao sr. Teixeira de Freitas felicitamos pela edição da magnifica obra de Chantrel, que deve ser lida por todos os que amam a verdade.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

(Da «Palavra»)

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMARIO: — *Guimarães commemorando a victoria d'Aljubarrota; um aditamento à «Historia de Portugal» do sr. Pinheiro Chagas. — O dia 15 de agosto em Guimarães; as festas da Collegiada hoje e no tempo de D. Thereza; dois sermões monumentaes. — A distribuição de premios no Asylo de Santa Estephania. — Ainda o «Commercio de Portugal»; já vê as creanças pallidas e não encontra escolas nem bibliothecas. — Um correspondente do mesmo digno de recompensa; mouro na costa; as armas. — A morte de D. Maria Pilar. — Os protestantes a fazerem rir a gente. — Recompensa a Castellar.*

Guimarães, a terra que serviu de herco a um dos mais venerandos Pontifices Romanos; a terra que embalou em seus braços o primeiro rei portuguez; a terra, que viu antes que nenhuma outra, desfraldada por entre as ameias de suas torres a bandeira da independencia e da liberdade da patria; a terra onde se creara, onde se educara essa pleiade de heroes, que alargaram, com a ponta de suas lanças, os dominios de Portugal, a esta terra não podia ser-lhe indifferente o dia 14 de agosto. E não foi, não o podia ser, porque o povo de Guimarães acata e respeita as nobres e santas tradições de seus antepassados, tradições que tem passado até hoje atravez dos seculos. Guimarães veste de gala todos os annos no dia 14 de agosto porque se recorda que, em igual

dia do anno de 1385 venceram os portuguezes, capitaneados pelo Mestre de Aviz, o formidavel exercito de Castella, que tentava adornar a fronte do seu rei com a corôa do vencedor d'Ourique.

Logo ao romper d'alva o relógio municipal, collocado no alto da torre da Collegiada, annuncia aos vimaranenses que é dia de festa, e pouco depois no padrão que se eleva em frente da Real Collegiada, e onde D. João I se ajoelhara na occasião da sua romaria a Santa Maria d'Oliveira, em acção de graças pela victoria alcançada em Aljubarrota, se acha enprovisado um altar e pendente em meio d'uma das ogivas do padrão o pelote que o rei soldado vestia por sobre as armas na occasião do combate.

E as creanças, não sei por que instincto, ao sahirem da escola, antes de entrarem em casa, vão ver o pelote, e depois em casa, ouvem da bocca das mães a narração do feito protentoso.

Pelas 10 horas sãe em procissão a imagem de N. Senhora das Victorias pelas ruas da cidade, acompanhada pelo Cabido e camara municipal, a expensas de quem é feita esta festividade, que consta de missa cantada e sermão, tudo em plena praça da Oliveira, junto ao padrão.

O orador este anno foi o nosso conterraneo e estudioso sacerdote Abilio de Passos, que mais uma vez mostrou de quanto é capaz uma intelligencia formada sobre os livros.

Já que fallamos em D. João I não é máu fazer menção d'um facto que pôde esquecer, visto que os modernos historiadores o ignoram ou querem occultar. Não vimos ainda uma descripção tão perfeita, tão clara, tão bella da batalha d'Aljubarrota como as que nos dá o sr. Pinheiro Chagas no 2.º vol. da sua *Historia de Portugal*. Faltou-lhe, porém, dizer que o Mestre d'Aviz, depois da batalha, poucos dias depois, viera a Guimarães em romaria a Nossa Senhora da Oliveira, para agradecer-lhe a victoria alcançada, e que n'essa occasião fizera presente à mesma Senhora da capella do rei de Castella, que fóra encontrada nos despojos da batalha. D'essa offerta existe ainda o Oratorio, que se guarda no thesouro da Real Collegiada. O dizer-se que o bravo guerreiro attribuia á intervenção divina as victorias que alcançava, não deslustrará de modo algum o nome portuguez, nem pôde eclipsar a gloria d'esses denodados cavalleiros, que na vespera do combate, depois de confessados e de haverem commungado, se ajoelhavam aos pés das suas damas a jurar-lhes que lhe haviam de dar a liberdade da patria em troca dos seus amores. Era a religião e o amor que os tornava valentes e por isso elles não tremeram quando

... as mães que o som terrivel osoutaram, Aos peitos os filhinhos apertaram.

Se é de festa para Guimarães o dia 14 de agosto, não o é menos o dia 15 em que a Igreja festeja a Assumpção da Virgem. Pode dizer-se que é essa a festividade maior que se faz em Guimarães, e não deve admirar-nos isto porque é feita em honra de Santa Maria de Oliveira, da padroeira de Guimarães, da protectora dos nossos monarchas. Acresce a tudo isto o ser festa na

Insigne e Real Collegiada de Guimarães, onde as solemnidades religiosas são parecidas ás das grandes cathedraes, não só nos tempos modernos, mas desde tempos remotos, porque já Alexandre Herculano nos diz, fallando do mosteiro de D. Muma, no tempo de D. Thereza: «... que igreja havia ali, a não ser a sé de Braga, onde as solemnidades religiosas fossem celebradas com mais pompa que no mosteiro de D. Muma?»

Que cathedra ou asceterio tinha orgão mais harmonioso que este?

Onde se podiam encontrar clérigos ou monges, que com mais afinadas vozes entoassem uma gloria in excelsis, ou um *exsurge domine*? (1).

Infelizmente quer-nos parecer que não se dirá outro tanto d'aqui a alguns annos!

Este anno foi sobremodo imponente e grandiosa a festa. O real templo era adornado magnificamente, pendendo das galerias as bandeiras de Portugal e de Roma (da Roma dos Papas, ainda bem). Grande numero de lustres enchiam de luz o vetusto monumento e as flores e a boa orchestra enchiam-no de aromas, de harmonias.

A cadeira da verdade subiu do manhã e do tarde um dos collaboradores da nossa revista o exc.º dr. Alves Mendes, do Porto. Escrevendo este nome, estava dito tudo, pide dizer-se que estavam trasladados para aqui os dons discursos.

Mas nós queremos dizer mais porque queremos ser ecco da impressão que os dons discursos produziram nos vimaranenses.

O templo era pequeno de mais para conter tudo que em Guimarães ha de mais notavel em posição e saber, e mesmo assim lá estava tudo! Quando o orador se mostrou na cadeira da verdade foi recebido com um silencio, com um recolhimento indiscritivel. Parecia que todos receiavam que se perdesse uma palavra só do notavel orador. E assim estavam todos suspensos d'aquelles labios d'onde errompia, como uma torrente, a eloquencia do sabio, a doutrina do apóstolo, a palavra do evangelizador christão. Isto de manhã. Do sermão da tarde não sabemos que dizer. S. exc.º tomou para thema do seu discurso o amor de mãe e o ensino, declarando ao principiar que não podia achar melhor assumpto n'este epocha quando no seio do primeiro parlamento da Europa se debatia a questão do ensino e se discutia a lei Ferry. Foi isto o bastante para que um auditorio de catholicos se dispozesse a ouvir attentamente a voz auctorizada do illustre orador.

S. exc.º fallou por espaço talvez de hora e meia e durante esse tempo provou á evidencia a necessidade do ensino religioso, ou antes provou que fóra da Igreja não ha, não pôde haver ensino, não pôde haver educação. Lamentou os desvarios das modernas sociedades; pintou o quadro doloroso da familia onde não impera o amor da religião christã, e distendeu o sudario triste, horroroso das futuras gerações se não forem creadas, educadas por mães christãs.

Quando findou o discurso, o auditorio, apesar dos cinco ou seis quartos de hora decorridos, parecia suspenso ainda dos labios do admiravel orador e não se movia, como que esperando ainda mais.

(1) O Bobo, paginas 21 e 22.

Depois o discurso sobre a educação era o assumpto de todas as conversações. Todos fallavam com enthusiasmo do sermão, todos repetiam o nome do conego Alves Mendes, todos perguntavam se haviam escutado o sermão da tarde.

Foi um triumpho que alcançou em Guimarães o conego Alves Mendes.

A meza da irmandade de Nossa Senhora da Oliveira damos os parabens pela festividade que fizera, pelo orador que convidara e pela magnificencia com que pozera na rua a procissão.

* * *

Já que de festas nos occupamos, permittem-nos que aqui deixemos registada mais uma, de que ha mais tempo deveramos occuparmo-nos.

No dia 16 de julho abriam-se as portas do asylo de Santa Estephania para que os filhos d'esta terra, que ha 16 annos sustentam aquella casa de caridade, assistissem a uma festa das mais sympaticas, das que mais fallam á alma — a distribuição dos premios aos alumnos que mais frequente estudo tiveram durante o anno.

Lá estavam as creanças, com o sorriso da innocencia nos labios, contentos por se verem recompensadas, offerendo aos visitantes palavras repassadas de santa moiguice e nas quaes mostravam o esmero da educação que n'aquella casa se sabe dar.

Dezoito eram as creanças que aguardavam o premio do seu exemplar comportamento durante o anno; dispensamo-nos de mencionar os nomes das pertencentes ao sexo *feito* e só aqui registaremos os das meninas, para que o «Commercio de Portugal» saiba que em Guimarães se educam mais 9 creancinhas, que serão outras tantas mulheres que saberão dar a seus filhos uma verdadeira educação — a educação christã. Eil-as:

Sophia Cruz, Leopoldina Candida, Lucina Trindade, Maria das Dores, Maria Fernandes, Laura Freitas, Josepha Aveiro, Adelina Augusta e Julia Alves.

Que bello, que formoso era o quadro que se distendia no vasto salão da escola! É como folgamos de ver alli, além da direcção o meretissimo juiz de direito, presidente da camara, delegado do procurador regio, a rodearem a protectora d'aquelle estabelecimento a exc.^{mo} sr.^o D. Maria da Conceição do Amaral!

Magnifico foi o discurso que o exc.^{mo} juiz de direito pronunciou acerca da utilidade d'uma casa como aquella, onde a innocencia, em nome da caridade christã, recebe com o pão do corpo o sustento do espirito — a instrução.

Não findamos sem louvar, como é dever nosso, a direcção d'aquella casa, que tanto se esmera em a tornar digna da nossa admiração, já escolhendo directores habeis, intelligentes e virtuosos, já concorrendo por todos os modos para que a educação que se dá alli seja pura e simplesmente christã.

* * *

Promettemo-nos não deixar o nosso collega do «Commercio de Portugal» e, loubros a Deus, dá-nos elle materia tão a pro-

posito para cumprirmos os nossos desejos que já hoje d'elle nos vamos occupar.

Lembram-se os leitores das palavras que trasladamos das columnas d'este nosso collega para o nosso passado numero? Tudo eram *escolas*, tudo o *remurejar das creanças das escolas*, tudo *bibliothecas livres*, tudo *luz* a jorrar pelas rasgadas janellas das *escolas*, etc., etc., etc.

Pois querem saber o que elle nos veio depois dizer no seu n.º 39? Leiam:

«A educação e o ensino das creanças do sexo feminino nas casas de asylo (o collega falla de certo dos asylos atheus), está sendo altamente inconveniente e immoral pela deficiencia dos systemas. Aquellas creanças pallidas, sem espirito, acanhadas, etc., etc.» Para onde foram então, dentro em tão pouco tempo, as creanças que remurejavam?

Adiante. Esculemos o collega no n.º 40.

«Em Portugal o ensino official e dogmatico e como tal intransigente. Odeia as reformas como odeia os livros profundamente doutrinaes e evangelisadores. Apropria as virtudes dos reis e occulta-lhes as devassidões e os crimes, etc., etc.»

Para coroar a obra d'estes amigos do longos palavrinhos, diz-nos o collega no n.º 41:

«N'este paiz o ensino publico é um artificio, sustentado caprichosamente pelos partidos monarchicos, em nome do convencionalismo das suas piniões particulares.» E mais adiante:

«A instrução publica em Portugal é uma mentira. Nós não temos escolas nem temos bibliothecas.»

Bravo, collega! Parece que lê pela mesma cartilha que nós lêmos. Deixe-nos repetir-lho as palavras em que findamos no passado numero: **A verdade, e nada de palavrinhos.**

Mais algumas linhas ao supradito «Commercio»:

Um correspondente que este diario tem no Alto Minho (ao que parece) levanta-se com a impavidez, com a garvoza altivez dos antigos paladinos e brada n'estes termos:

«Mesmo ás portas de Portugal, na Guardia, defronte de Caminha, ergueram os jezuitas um vasto estabelecimento onde preparam futuros combatentes a prol das doutrinas, hoje reprovadas.»

Ora vejam como é bom ter sollicitos correspondentes! Quem havia de dizer que na Guardia, em frente de Caminha estava um collegio de jezuitas!

Mãos á obra, collega, que nós ajudamos d'aqui, por estarmos mais perto. Erga-se um brado a favor da independencia da patria. Destendam-se em cerradas illas os exercitos de Portugal pela fronteira da Galliza.

Mandemos para lá um bom general, artilheria de calibre 3000 e uma esquadra que bombardeie sem piedade o collegio dos jezuitas.

Senhores ministros de Portugal! A nossa independencia está em perigo, e quanto antes pedimos uma commenda para o correspondente do «Commercio de Por-

tugal,» que descobriu aquelle foco de reacção.

Perdoem-nos os leitores este desforço, este rasgo de patriotismo, que sem elle, a nossa consciencia não podia ter descanso. Já podemos dormir!!

* * *

Dediquemos tambem algumas linhas á infanta D. Maria Pilar, ha pouco fallecida em Hespanha. Havemos de ter sempre lagrimas para depôr na campa d'uma mulher quando é roubada pela morte na idade mais feliz da vida, quando tudo são sonhos de amor e felicidade.

D. Maria Pilar só aspirara o perfume das flores da primavera dezoito vezes. Era formosa, d'olhos azuos, mas d'uma tristeza que persagiava uma morte proxima. Aquelles labios tão artisticamente arqueados, raro se entreabriam para soltar um sorriso, e nunca para deixar passar uma d'essas gargalhadas que são a expressão franca do contentamento que vae na alma de uma donzella.

No dia 2 recebia em um baile as ovações d'um povo que se orgulhava tel-a em seu seio, e no dia 4, contavam os anjos mais um companheiro no céu!

Quem pôde considerar-se infeliz ante uma desgraça igual? Deixar a vida aos dezoito annos, quando se é formosa, quando se tem um lugar nos degraus d'um throno...

Oremos pela princeza christã, que não assistira ás desgraças que Deus terra reservadas para sua familia.

* * *

Ha dias deu-se em Roma um caso ridiculo e engraçado ao mesmo tempo. Os protestantes que querem fazer protestantizar a cidade dos Papas, empregam todos os meios de chamar o povo as suas *egrejas*. Um dos meios de que ultimamente lançaram mão é affixar grandes cartazes nas esquinas.

O ultimo que appareceu, em letras gordas, dizia assim:

Os que têm sede, venham a mim

e por baixo, como annunciando alguma mercadoria, lia-se o nome da rua e n.º da casa.

O povo de Roma, o que gosta de beber a sua pinga, porque ha quem goste d'ella em toda a parte, julgando que se annunciava a abertura d'um casco de bom vinho, correu, atropellando-se, ao antro annunciado no cartaz. Quando chegaram e viram em lugar d'um casco de vinho um hojudo *padre* protestante a arengar aos *feis*, preromperam em ditos e gestos pouco agradaveis ao tal *padre*, que a custo se pôde retirar a salvo.

Ora vejam os nossos leitores a que ridiculo se sujeitam os taes ratões dos protestantes.

E já que fallamos de protestantes, lembra-nos o que ha pouco se lia n'um jornal inglez, noticia que nao podemos guardar só para nós. Eil-a:

«E' esperado em Inglaterra o snr. Castellar, e n'essa occasião lhe sera conferido pela universidade de Oxford o grau de doutor em leis, por o mesmo snr. Castellar, *haber dado provas inequivocas de favorecer o protestantismo no seu paiz natal.*

Como elles se juntam!

J. DE FREITAS.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Monumentos Epigraphicos de Roma exaltadores da memoria do Papa S. Damaso, prodigio vimiranense, pelo dr. Pereira Caldas

De todas as publicações que ultimamente nos têm sido ofertadas é esta, por sem duvida, a que mais digna se torna da nossa estima, a que mais sofregamente lêmos, para depois reier com vagar, com esse vagar que merecem as obras que, como esta, são dignas de se infilibrarem a par dos mais famosos monumentos da litteratura patria.

Era bastante para que nós estimássemos a obra do esclarecido professor de Braga que ella se occupasse d'um Papa; sobe porém de ponto a nossa estima porque esse Papa é um filho d'esta terra, que é nossa também, e por ser o seu auctor também um conterraneo nosso.

Só ao estudo atoradissimo do snr. dr. Pereira Caldas podiam os amadores dever um trabalho tão perfeito e de tanto merecimento como o este de que nos occupamos, e se a nos damos os parabens por havermos nascido na terra que fora berço d'um Papa, que tanto se enobrecera por suas altas virtudes e pelas magnificas obras que fizera levar a effeito, não menos nos orgulhamos porque essas virtudes sejam exaltadas por um vimiranense, que occupa lugar distincto entre as mais altas capacidades scientificas do nosso paiz.

Agradecemos a s. exc.º o exemplar com que nos brindou, brinde que assás nos honra; não deixaremos também de agradecer os outros exemplares ofertados que tivemos o prazer de distribuir por alguns amadores e admiradores de s. exc.º

El Heroismo en sotana, por el general Ambert. Traducion de J. M. R. Barcelona, typographia Catolica — calle del Piño, 5, 1879

De Barcelona recebemos este precioso livro, que já haviamos lido quando traduzido para a nossa lingua, e que agora lemos de novo em hespanhol.

Entre tantos livros bons que modernamente se tem publicado, deve dar-se a este o primeiro lugar, por tractar de assumptos que principiam a ser moda desconhecer, senão desprezar, e não só por isso, mas mais ainda por ser devido a pena d'um general.

O quadro sanguinolento da guerra franco-prussiana que o bravo general desenrola pelas paginas do livro é admiravel, porque se destacam com mais saliencia do que os penachos e as condecorações dos guerreiros, os habitos dos frades e dos padres, e as toucas das irmãs da caridade. Que rasgos de sublime caridade, de santa abnegação nos não mostra o general Ambert praticados pelos padres, pelos frades, que emudeciam para não ouvir o sibilar das balas, o ribombar do canhão, o despeçar das bombas, para só ouvirem o gemer do moribundo. Que não olhavam para o espaço onde se cruzava uma chuva de balas para só litar a terra, onde os filhos da França pereceram victimas do seu patriotismo.

E as irmãs da caridade! Que rasgos de heroismo, que serviços prestados aos feridos! Com que desprezo ellas olhavam a vida para só se lembrarem de que a França era um vasto hospital, um immenso campo de batalha onde milhares de homens imploravam os seus cuidados!

Livros como este honram o auctor e não menos o que os divulga, por isso não se canará nunca a nossa pena de os recomendar.

Agradecemos a offerta, e com os nossos agradecimentos enviamos ao editor os mais sinceros parabens.

La Ilustracion Catolica

Temos recebido esta importante revista de Madrid, que não receiamos collocar a par das mais bem redigidas publicações illustradas. O summario do n.º 1 do 3.º volume é o seguinte:

Texto.—«Revista», por V. P. Nulema.—«Crónica de Paris», por D. Francisco Martin Melgar.—«La virgen de Marpingen», por D. Francisco Hernandez.—«El Suicidio», por D. F. J. Simonet.—«El P. J. Romano», por D. Miguel Mir, S. J.—«Los Grabados», por X.—«Revista scientifica, industrial y económica», por D. Ernesto Berge.—«Cristina», por D. Ramon Segade.—Jeroglífico.

Grabados.—«El R. P. José Romano». —«El claustro de la Catedral de Oviedo». —«La Virgen de Marpingen.»

A moda Illustrada — Jornal das Familias — Lisboa — David Corazzi — editor. Preço por anno 4\$000 réis

Vamos cumprir a promessa que fizemos em o n.º 19, agora que recebemos o n.º 15 de 31 de julho. Lemos este numero desde a primeira pagina até á ultima, e declaramos francamente ás nossas leitoras, que por vezes estivemos para depor o jornal e não mais querer saber d'elle. São tantos os artigos a fallar de rendas, de galões, de fitas, de guarnição, de cambraias, etc., etc., que para endouarmos ou perdermos a cabeça entre tantas rendas não nos faltou muito. Depois fitamos todos os gravados

através os cristaes das nossas lunetas e vimos o que temos visto em todos os jornaes de modas: Chapéus a cahir para diante, descahidos ao lado e tombados para traz. Fitas a voar para um lado, a cahir sobre o outro, a confundir-se com os cabellos, que umas vezes caem como fios de ouro sobre jaspeadas roupagens, outras se elevam em torvelinhos negros a descommunal altura, desafiando o céu, qual torre de Babel, ou amedrontando os homens qual torre acastellada da idade média. A parte litteraria é inofensiva. Mostra-nos de *relance* uma parada; *descreve entre-actos* os theatros; *descreve o campo*, *A' sombra dos lilazes*; dá-nos um romance também *Os lilazes brancos*. Em medicina dá-nos a *Carteira do doutor*, e para as donas de casa *Mil e uma receita*.

A's nossas leitoras que toem o costume de ler jornaes de modas recomendamos-lhe este de preferencia a qualquer dos jornaes francezes, onde não é raro encontrar leitura pouco em harmonia com os sentimentos de uma dama christã. Do mal o menos, quando se não possa dispensar o jornal de modas procurem o que mais digno seja de pousar na mesa de trabalho d'uma mãe de familia.

Este, ao que nos parece, está n'esse caso.

Collecção de estudos e documentos a favor da reforma da orthographia em sentido sonito, publicada pelo dr. José Barboza Leão, cirurgião de brigada do exercito

Fomos mimoseados pelo seu auctor com um exemplar d'este livro que lemos, e da sua leitura nos quer parecer que de grande utilidade pôde ser para a lingua patria a reforma que se pretende realisar.

Vem a proposito dizer que se reunira o mez passado a commissão da reforma orthographica, onde se discutiu a questao, resolvendo-se que se refute a opinião da Academia Real das Sciencias, trabalho este que foi confiado ao snr. dr. Barboza Leão.

Uma reforma na orthographia é uma necessidade: venha ella que, sendo auctorizada, seremos os primeiros a segui-la.

Em presenca do n.º 6 do excellente periodico illustrado «Portugal Pittoresco,» admiramos uma bella gravura representando a Bibliotheca da Universidade de Coimbra em uma magnifica gravura, acompanhada d'um interessante artigo firmado pelo snr. dr. Simões de Castro, sob a direcção de quem é feita esta publicação.

O n.º 6 do «Boletim de Bibliographia Portugueza» vem como sempre interessante. Já o dissemos e não duvidamos repetil-o: é esta uma das publicações mais uteis e de que mais se carecia em Portugal.

Cada volume ou anno custa 1\$300 rs., e pôde fazer-se assignatura dirigindo-a para—Louzã á redacção do Boletim da Bibliographia Portugueza.

Temos recebido com a maxima regularidade os fasciculos das «Maravilhas da creação.» O ultimo que temos sobre a banda é o 19. composto de 16 paginas, com magnificas gravuras representando: o gato-tigre; o gato montez; os gatos domesticos. Os artigos que acompanham as gravuras são bem escriptos e ao alcance de todas as intelligencias.

Em Lisboa, travessa de Santa Justa, 95. se assigna.

J. DE FREITAS.

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde 24 de junho a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa.

Dos Ex.^{mas} Surs:

Manoel Vieira Mendes da Silva. Recebemos a quantia enviada, que agradecemos.

José Pinto da Cunha e Souza. Enviamos o livro pedido.

Padre Luiz Carlos de Faria. Rogo o favor de dizer que n.º faltam e quantos, ainda que são sempre expedidos. Aguardo carta do sur. Ferreira para lhe mandar conta.

Padre João Jacintho Armas do Amaral. Enviamos os livros pedidos. Recebemos o vale sobre Braga, e pedimos que nos seja sempre enviado sobre Porto ou Lisboa. A conta do rev.

D. Marianna Augusta Rozeira. Expedimos o livro pedido. Ficam de mais 25 réis.

Padre Caetano Januario de Figueiredo. Recebemos o importe do assignatura que agradecemos. Temos as Respostas que deseja.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. Recebemos a quantia enviada.

Manoel Joaquim Marques. Recebemos a importancia do fasc. 14, que agradecemos.

José da Costa. Ficamos esperando e desde já agradecemos.

Luiz Antonio da Rocha. Expedimos o fasc. 5.º que como o 4.º está por pagar. Mudamos as direcções.

Padre Abel d'Almeida e Souza. Recebemos a quantia enviada, que agradecemos.

Padre Simão Luiz Pires Gil. Recebemos a quantia enviada, que agradecemos. O abatimento feito aos assignantes do *Progresso* é de 200 réis nos fasciculos da *Historia dos Pipas*, edição popular, que são agora a 250 e se ainda tivéssemos da edição superior seria o preço de 300 réis e para os assignantes do *Progresso* 250 réis. Não tem, porém, de fazer abatimento algum. Póde ainda assignar o Scavini.

João Fernandes Pereira. Mudada a direcção. Numeros que faltam vão reimprimir-se.

Francisco Goncalves Pereira. Foi expedido conforme deseja.

Antonio Roza de Carvalho. Satisfeitas as suas ordens.

Padre Bernardo Homem de C. Corte Real. Recebemos o importe d'uma assignatura, que assis agradecemos. Expedimos os n.º 3 e 12 que faltavam.

Pacheco M. & C.º Satisfizemos a assignatura, que agradecemos.

Gaudencio da Costa Ribeiro Teixeira. Recebemos a quantia enviada, que agradecemos e a que demos o devido destino.

Francisco Marques da Costa Freitas. Enviamos o n.º 18. O 1.º ira quando reimpresso.

Prior José Pedro R. da Graça. Já deve ter recebido. Pedimos desculpa da demora.

Manoel Affonso Machado da Costa. Expedimos os numeros publicados. Agradecemos a assignatura.

Jacintho Antonio Direito. Mudamos a direcção. Desde junho que nos ordenaram, enviarmos o «Progresso» para Castro Daire.

Padre Antonio José Nunes da Gloria. Recebemos o importe da assignatura, que muito agradecemos. Expedimos os numeros publicados.

José Maria da Costa Soares. Recebemos 600 réis, para os 3 fasciculos, que são a 250; faltam ainda 150 réis.

Antonio de Barros. Mudada a direcção, e enviados os n.º 12 e 16. O 1.º quando se reimprimir.

José Furtado da Ponte. Cumprimos tudo que nos ordenára.

Firmino Lopes de Figueiredo. Já deve ter recebido o brinde. Pedimos desculpa do nosso esquecimento. Vou saber o preço da obra que deseja e por esta via o avisaremos.

Padre Rodrigo de Souza Valente. Expedimos o n.º 12. Conta é ainda pequena.

João Ignacio Ferreira. Enviamos o livro pedido.

José Maria Gomes. Foi enviado o n.º 10, o 4.º ira apenas reimpresso.

Luiz Pacheco. Tomamos nota da nova assignatura, que agradecemos. Quanto ao mais procuraremos conseguir o que deseja.

Padre Justino Albano de Sá. Recebemos as estampilhas enviadas, que agradecemos.

Prior José Mendes Barata. Recebemos e agradecemos. N.º 4 vae reimprimir-se; tomamos nota da assignatura que deseja e que ainda nao principiou.

Padre Venancio da Costa Oliveira. Satisfeita a nova assignatura.

Augusto Barata dos Santos Martins. Já deve ter recebido o livro. Mudado o nome como deseja. Preço lá vae marcado.

Luiz Antonio da Rocha. Recebemos a quantia enviada. Expedimos o 6.º fasciculo.

José Francisco de Amorim. Quantia recebida. 1.º enviado.

Prior Francisco José de Souza. Fizemos expedir os livros para que recebemos a importancia.

Antonio Joaquim Villas. Recebemos o importe dos fasciculos 14 e 15, que já deve ter recebido.

Padre Belmiro Nogueira de Souza Freire. Mudada a direcção como terá visto. N.º 4 hade ser reimpresso e enviado antes de findar o 1.º anno.

Antonio Augusto de Moura e Vasconcellos. Recebemos 2\$400 réis. O 2.º volume não está ainda concluido. «O Progresso» se encarregará de annunciar a sua appareição.

Jeronymo de Souza Maia. Mudada a direcção, como deseja.

José da Costa. Recebemos o importe da assignatura, que agradecemos.

João Maria Corqueira Machado. Serão compridas as ordens recebidas.

Commendador Antonio de Mendanha Arriscado. O n.º 3 sega o primeiro a reimprimir-se. Pedimos desculpa da demora.

João Albino Freire. Foi enviado o n.º 18 e o 1.º sol-o-ha-breve.

José Januario Villas. Tomamos nota. Manoel Gonçalves Marques. Satisfeito o pedido feito.

Padre José Francisco d'Assumpção Borges. Enviado o n.º 12, o 1.º vae reimprimir-se.

Francisco Antonio Carlos. Todos os n.ºs estarão entregues ao findar o anno. Está pago o 1.º anno, que finda em 15 d'outubro proximo.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Pedimos a todos os nossos bondosos subscriptores que hajam de fazer qualquer reclamação o favor de acompanhar d'uma cinta em que vae o sobrescrito, sem o que nos é difficil encontrar os nomes na respectiva lista, o que faz com que muitas vezes não possamos cumprir com as ordens que nos são transmittidas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damazo, 50 a 54—Guimarães.